

Título Uma viagem colorida
Data 25 de setembro de 2025
Evento Pinturas Nômades
Publicação Rio Show (O Globo)

Autor Carolina Torres
Artista Beatriz Milhazes



Título Uma viagem colorida
Data 25 de setembro de 2025
Evento Pinturas Nômades
Publicação Rio Show (O Globo)

Autor Carolina Torres
Artista Beatriz Milhazes

12 RIO SHOW
 Quinta-feira
 25.9.2025



"Corumbê":
 Obra inspirada
 em Paraty
 transformou as
 janelas da Casa
 Roberto
 Marinho em
 vitrais
 coloridos

UMA VIAGEM COLORIDA

CAROLINA TORRES
 carolina.santos@edglobo.com.br

A luz do Sol passa colorida pelos janelões do térreo da Casa Roberto Marinho, transformados em vitrais por Beatriz Milhazes, que abre hoje a mostra "Pinturas nômades". Com vinis recortados em tons de amarelo, azul, verde, laranja e magenta, a carioca, há 12 anos sem expor no Rio, criou "Corumbê" para o local. A técnica é a mesma usada na maioria das 16 intervenções de grande escala que fez entre 2004 e 2023 em edifícios como a Fundação Cartier, em Paris, a Ópera de Viena, na Áustria, e o Museu de Arte Contemporânea de Tô-

quio, no Japão. Sob curadoria do diretor da Casa, Lauro Cavalcanti, essas obras foram reunidas pela primeira vez e são apresentadas em maquetes, ampliações e esboços que apresentam o lado arquitetônico da artista conhecida por pinturas, colagens e gravuras.

— São possibilidades de uma leitura colorida da natureza, que tem suas cores maravilhosamente desenvolvidas — explica a autora sobre as formas abstratas e florais nas janelas que emolduram o jardim no Cosme Velho projetado por Burle Marx, e que, com a luz solar, formam sobre o piso desenhos mais ou menos nítidos, a depender da hora.

Sua intenção foi criar um ambiente de meditação e contemplação, por isso, a obra divide espaço apenas com um painel em tons de cinza, "Waiving flowers", uma versão da obra realizada em 2024 na Galeria Max Hetzler, em Berlim, que dialoga com o piso em mármore bicolor, enquanto contrasta e potencializa o colorido dos vitrais. A sala será ativada, em dezembro e março, por apresentações da Marcia Milhazes Cia de Dança, da irmã da artista, que criou coreografias para a mostra.

A inspiração de "Corumbê" foi Djanira, pintora modernista que morou por anos na praia de mesmo nome em Paraty (cidade da fa-

mília materna de Beatriz) e que também foi homenageada com uma sala no núcleo da mostra que expõe, sob curadoria da artista, parte do acervo da Casa. Além de obras de Djanira, há trabalhos de cunho religioso de nomes como Guignard, Mestre Valentim e Portinari, que completam as influências dos vitrais.

AS OBRAS PÚBLICAS

Arquiteto de formação, Lauro Cavalcanti já admirava o trabalho *site specific* de Beatriz Milhazes, mas foi no processo de pesquisa para a exposição que o conheceu a fundo. Inicialmente, a ideia da dupla era recriar o pavilhão de Beatriz na Bienal de Veneza de 2024. Parte dessas obras, uma mesa de tapeçaria e três pinturas, estão na mostra, porém, diante da impossibilidade de refazer a experiência veneziana, resolveram apresentar as ins-

EXPOSIÇÕES

Título Uma viagem colorida
Data 25 de setembro de 2025
Evento Pinturas Nômades
Publicação Rio Show (O Globo)

Autor Carolina Torres
Artista Beatriz Milhazes



FOTOS DE DIVULGAÇÃO

Suportes. Além de reproduções de trabalhos criados para prédios mundo afora, mostra reúne gravuras, pinturas e tapeçaria

RIO SHOW 13
 Quinta-feira
 25.9.2025

talações pictóricas realizadas mundo afora.

— Além de mostrar uma parte menos conhecida do trabalho da Milhazes, a exposição dá nova vida a essas obras — diz o curador, ressaltando que apenas quatro dos painéis são permanentes.

A artista conta que, na época do primeiro trabalho — “Gávea” (2004), na fachada envidraçada de sete andares da loja Selfridges & Co., em Manchester —, não tinha ideia de que poderia produzir em um suporte tão distinto das telas.

— Sou uma artista do bidimensional e todo meu pensamento do tri é a partir do bi. Além disso, a escala monumental, o vidro, o vinil, tudo foi novidade — lembra. — Minha grande dúvida era como manter a minha linguagem, o que é, até hoje, uma questão crucial. Não é uma transposição.

Tudo partiu de esboços fei-

tos a mão. O plano de fazer uma impressão ampliada logo foi refutado, pois, na época, a qualidade desse processo era inferior ao vinil recortado, que entregava mais precisão de cor. Assim, a artista se uniu a uma equipe de técnicos especializados que a acompanhou por quase todos os projetos seguintes.

Além da explosão de cor, um aspecto que se repete em alguns trabalhos é a arte como processo de ressignificação. Na estação de metrô Gloucester Road, em Londres, por exemplo, “Peace and love” (2005) ocupou os portais de tijolos do século XIX com painéis psicodélicos poucos meses após o brasileiro Jean Charles de Menezes ter sido confundido e morto por policiais no local.

— Esse projeto foi emblemático, pois trouxe um pouco de alegria num momento difícil. Com a arte, busquei lembrar as boas intenções

dos ingleses, uma Londres antiga, e vender essa ideia para o mundo — explica.

Nas obras permanentes, a motivação social é ainda mais clara. Na Ilha de Inujima, no Japão, “Yellow flower dream” (2017-2019) é parte do projeto Art House, que busca revitalizar o antigo polo industrial hoje com menos de cem habitantes. Feita em vinil, a obra levou painéis floridos inspirados nos biombos japoneses a uma área de convivência.

ARTE E ARQUITETURA

As “pinturas nômades” de Milhazes são um convite à contemplação. Intercalando esboços, ampliações e maquetes com pinturas, base da linguagem da artista, a exposição mostra sua versatilidade. O olhar é atraído ora pela beleza do processo, esmiuçado diante do visitante, ora pela riqueza das maquetes, que reproduzem

alguns dos edifícios mais famosos do mundo.

— Beatriz trabalhou em cinco prédios de vencedores do Prêmio Pritzker. Um detalhe banal — brinca o curador, lembrando que várias obras estiveram em edifícios projetados por ganhadores do “Oscar da arquitetura”.

Mesmo que sua obra esteja espalhada pelo mundo, as raízes de Milhazes seguem sendo motores criativos. Última maquete apresentada na mostra, a instalação “Coreto da praça” (2023), feita com a arquiteta Lia Siqueira e exibida na 18ª Bienal de Arquitetura de Veneza, é como um sonho da artista.

— Como fui muito a Paraty, tenho uma relação forte com esse elemento, presente no interior — conta.

O coreto não saiu do papel, mas Lauro está esperançoso: — Tenho certeza de que agora será feito. Somos pé quente.



Onde: Casa Roberto Marinho, Cosme Velho.

Quando: ter a dom, das 12h às 18h. Até março. Abertura hoje, às 18h30.

Quanto: R\$ 10. Aos domingos, R\$ 10 para grupos de quatro pessoas. Grátis às quartas.